

ERNESTO

\*DA\*PAZ\*

*Um romance sobre a*  
COMUNICAÇÃO  
NÃO VIOLENTE

DANIEL PORTUGAL

# **Ernesto da Paz**

## Um romance sobre a Comunicação Não Violenta

Daniel Portugal

Esse livro está à venda em <http://leanpub.com/ernestodapaz>

Essa versão foi publicada em 2019-02-22



Esse é um livro [Leanpub](#). A Leanpub dá poderes aos autores e editores a partir do processo de Publicação Lean. [Publicação Lean](#) é a ação de publicar um ebook em desenvolvimento com ferramentas leves e muitas iterações para conseguir feedbacks dos leitores, pivotar até que você tenha o livro ideal e então conseguir tração.

© 2019 Daniel Portugal

# **Tweet Sobre Esse Livro!**

Por favor ajude Daniel Portugal a divulgar esse livro no [Twitter](#)!

O tweet sugerido para esse livro é:

Estou lendo Ernesto da Paz, um romance sobre a Comunicação Não Violenta, de [@dpcosta74](#).

A hashtag sugerida para esse livro é [##ernestodapaz](#).

Descubra o que as outras pessoas estão falando sobre esse livro clicando nesse link para buscar a hashtag no Twitter:

[##ernestodapaz](#)

# Conteúdo

O encontro . . . . .	1
Ernesto chega em casa . . . . .	3
Um reencontro em silêncio . . . . .	5
Botando os filhos pra dormir . . . . .	8
Dessa vez eu te pego . . . . .	10
Redes sociais . . . . .	13
A primeira lição . . . . .	15
Engarrafamento . . . . .	19
Tropa de Elite . . . . .	21
Nice dialoga com a irmã . . . . .	23
Um pedido para os filhos . . . . .	26
De volta ao centro . . . . .	27
A segunda lição . . . . .	28
Climão no jantar . . . . .	29
Pensamentos no ônibus . . . . .	30

## CONTEÚDO

<b>Nosso maior crítico</b> . . . . .	<b>31</b>
<b>Fechando o coração</b> . . . . .	<b>32</b>
<b>Curiosidade é vida!</b> . . . . .	<b>33</b>
<b>Nice e Rosa</b> . . . . .	<b>34</b>
<b>Andando pelo labirinto de pedras</b> . . . . .	<b>35</b>
<b>Herói Ernesto</b> . . . . .	<b>36</b>
<b>Desatando a rir</b> . . . . .	<b>37</b>
<b>Puto</b> . . . . .	<b>38</b>
<b>O diário de emoções</b> . . . . .	<b>39</b>
<b>Medo</b> . . . . .	<b>40</b>
<b>Beco interminável</b> . . . . .	<b>41</b>
<b>O casebre abandonado</b> . . . . .	<b>42</b>
<b>Lição no hospital, parte 1</b> . . . . .	<b>43</b>
<b>Lição no hospital, parte 2</b> . . . . .	<b>44</b>
<b>Grosseria</b> . . . . .	<b>45</b>
<b>Ernesto das Necessidades</b> . . . . .	<b>46</b>
<b>Exigências escondidas em pedidos</b> . . . . .	<b>47</b>
<b>Manual sobre ser pai</b> . . . . .	<b>48</b>
<b>Afastando medos e ansiedades</b> . . . . .	<b>49</b>
<b>Volta ao trabalho</b> . . . . .	<b>50</b>

## CONTEÚDO

<b>Um Rosa diferente</b> . . . . .	<b>51</b>
<b>O guarda-chuva</b> . . . . .	<b>52</b>
<b>Voltando pro beco</b> . . . . .	<b>53</b>
<b>Pílulas pra dormir</b> . . . . .	<b>54</b>
<b>Revivendo o sonho...</b> . . . . .	<b>55</b>

# O encontro

Ernesto saiu às pressas da sala resmungando baixinho um “que reunião merda!”, e depois pensou (porque não teve coragem de falar) “pra variar”. Sua pressa tinha motivo: precisava buscar os filhos na escola. Ainda teria que enfrentar aquele trânsito irritante e possivelmente o mala do Juarez falando durante o trajeto. Eles voltavam do trabalho no mesmo horário e, infelizmente, moravam na mesma região da cidade.

Já na segunda condução, quando finalmente se viu livre de seu colega de trabalho, sentou-se ao lado de um velho senhor. Curiosamente o ancião estava com um sorriso no rosto. Achou estranho quando percebeu que o olhava fixamente.

Quando já passava da estranheza para a irritação, o senhor lhe fez uma pergunta:

— O que te incomoda, meu filho?

Ernesto resolveu responder.

— Não é nada, não. Foi um dia bem estressante, cheio de reuniões chatas. Só isso.

O senhor pareceu interessado porque logo em seguida acrescentou:

— É mesmo? E o que te incomoda, meu filho?

Coitado. Além de estranho, o velho estava surdo, Ernesto pensou desanimado. Ainda assim resolveu responder à pergunta repetida. Talvez com algo mais perto da realidade cotidiana.

— Além disso o trânsito hoje está bem complicado.

O velho ficou animado:

— Verdade! E o que te incomoda, filho?

Ernesto sentiu pena do velho.

— Por isso tive que ficar ouvindo as abobrinhas do Juarez por mais tempo! Juarez é um amigo mala que volta todo dia comigo. O senhor entendeu?

Já estava ficando irritado com aquele papo que não ia a lugar algum.

Desta vez o senhor mudou a expressão.

— Meu filho, perguntei o que TE incomoda.

— Acho que não estou entendendo...

Ernesto ficou confuso. O senhor se levantou. Puxou a cordinha para descer na próxima parada. Antes de se encaminhar para a porta abaixou e sussurrou-lhe:

— Não perguntei as coisas que estimulam sua irritação. A reunião. O trânsito. O seu colega de trabalho. Perguntei que **necessidades não estão sendo atendidas em você** para causar essa irritação.

— Hâ? Eu. Não. Sei...,

Ernesto estava perplexo.

— Pense nisso, meu filho.

Deu um tapinha no ombro dele, se dirigiu pra porta de saída do ônibus e desceu.

— Espere!

Ernesto não sabia, mas aquele encontro iria transformar sua vida...

# Ernesto chega em casa

Ernesto sai do chuveiro. Os gritos aumentaram de intensidade. Nem bem acabou de se secar e volta à realidade. As brincadeiras dos dois filhos fazem com que se esqueça daquele senhor maluco e sua história de incômodo, estímulos e necessidades.

Entra na cozinha. Sua esposa está preparando o jantar. Sons abafados de luta no quarto chamam sua atenção. Ele vai conferir. Quando chega no quarto, os dois estão se estapeando. Bruno está praticamente enforcando o irmão mais novo. Ele corre pra acudir.

— Parem! Estão malucos? Alguém pode se machucar! Afasta os dois com energia.

— Foi ele que começou!

— Mentira! Foi ele! Os dois irmãos voltam a se engalfinhar.

— PAREM COM ISSO! O grito parece um trovão.

Sua esposa vem da cozinha enxugando as mãos. Bruno está chorando em um canto do quarto. Guilherme soluça deitado na cama.

— Vamos jantar, diz sua esposa com calma.

Os dois meninos voam pra mesa. Mais pra se afastar da presença do pai do que propriamente com fome.

— Você precisa pegar leve com as crianças, Ernesto. Nice olha sério pra ele.

— Mas você não viu? Iam acabar se machucando!

— Mas não precisa fazer desse jeito, amor.

Não bastasse se sentir culpado, agora estava com vergonha pelo que fez com os filhos. De novo.

— Vamos jantar. Depois peça desculpas a eles. E desamarra essa cara porque está parecendo um nó de marinheiro. Pelo menos ela não perdeu o bom humor que o fez se apaixonar.

— Tá bem, tá bem...

Agora está na cama com Nice se preparando pra dormir. Não consegue parar de pensar na briga com os filhos. Quase sempre é o

mesmo roteiro: as crianças brigam, um dos dois se excede, ele fica com medo de alguém se machucar, daí usa a força. O pior é que os filhos acabem se afastando dele. Mas não tem jeito, os filhos vão acabar se machucando desse jeito. Ele precisa ser enérgico nessas horas! Mas porquê se sente tão mal depois que acontece o evento? Será que existe outra maneira de tratar dessa situação sem bater ou gritar?

A imagem do velho volta a sua consciência...

— O que te incomoda, meu filho?

Adormece pensando em como a conversa com o velho tem a ver com as brigas que têm com os filhos. Precisa achar uma maneira de encontrá-lo novamente.

# Um reencontro em silêncio

Acordou determinado a encontrar o senhor. Engoliu o café da manhã e partiu pro trabalho. Não tinha nenhuma referência dele, nem nome nem nada. Sabia onde tinha descido pois gravou o ponto de ônibus no qual saltou. A melhor chance seria pegar o ônibus na mesma hora de ontem.

O dia passou como sempre, demorado e irritante. Na saída correu pra pegar o primeiro ônibus. Seu colega não entendeu sua pressa, afinal não era seu dia de pegar as crianças. Inventou uma desculpa qualquer e partiu.

Durante o trajeto lembrou de mais uma situação que lhe saiu do controle durante o dia.

Seu chefe havia pedido um relatório com alguns números de um projeto crítico na gerência. Ernesto trabalhou nele durante toda a semana. Conversou com várias pessoas envolvidas, desde o setor operacional até a gestão. Obteve informações e dados, criou planilhas, extraiu gráficos, montou uma apresentação resumindo tudo da forma mais apresentável possível. Estava bastante orgulhoso de seu trabalho. Achava que seu chefe iria elogiá-lo. Ele merecia o elogio. Os colegas que viram seu trabalho ficaram impressionados. A reunião de tarde tinha como objetivo apresentar ao seu chefe seu trabalho.

A reunião foi uma tragédia. Seu chefe não estava nem um pouco preocupado em ver a apresentação. No segundo slide, no meio da pizza que surgiu na tela ele interrompeu Ernesto:

— Tenho cinco minutos, Ernesto, qual é a conclusão do seu estudo?

Ernesto ficou vermelho, não tinha nem mostrado a tabela com os filtros que mudavam à medida que fossem clicados.

— Mas tinha agendado a reunião para durar uma hora, chefe!

— Desculpa, Ernesto, mas esqueci que tinha outro compromisso daqui a pouco (olhando para o relógio).

— É por isso que o projeto está na situação que está!

— Não entendi.

— Você não dá a mínima atenção para ele!

— Como?

— Deste jeito quem está trabalhando nele reproduz essa mesma atitude: não faz porra nenhuma! Todo mundo brincando de seguir o mestre.

Junta suas coisas e sai da sala. Todos o olham assustados. Aquela promoção ficou ainda mais distante... Ainda ouve seu chefe dizer:

— Depois conversamos sobre essa questão.

Agora seu pensamento estava de volta ao segundo ônibus, onde havia encontrado aquele senhor. Sentou-se na mesma posição do dia anterior, tentando repetir os mesmos passos, como se fazendo isso conseguisse trazê-lo de volta.

Nada do velho.

Observava atentamente cada movimento no ônibus.

Uma criança sentada no colo da mãe olhava distraída pela janela. Seu cabelo lembrava o de Bruno.

Um jovem balançava freneticamente pros lados com um fone de ouvido tão grande que mais pareciam tijelas de sopa. Imaginou o peso daquele equipamento.

A senhora sentada ao lado do jovem tentava ler seu livro mas não passava da mesma página. De vez em quando virava pro jovem irritada. Se ele visse o olhar que ela lhe dirigia já tinha desligado aquela música e descido do ônibus. Talvez até saído da cidade.

Se permitiu rir por dentro. E lembrou que há algum tempo não ria assim, sem qualquer razão aparente.

Estava chegando o ponto do velho. Olhou pra trás e o viu. Estava em pé, esperando pra descer. O sinal já tinha sido dado. Faltavam poucos quarteirões pro motorista parar o coletivo.

Ernesto se levantou esbaforido. Gritou:

— Oi! Lembra-se de mim?

O senhor não pareceu escutar. Será que era surdo? Quantos anos teria ele? Setenta? Oitenta?

Se aproximou e tocou seu ombro. O velho olhou pra ele e sorriu. Ernesto não perdeu tempo. Ele nunca perdia tempo.

— Preciso entender melhor aquelas coisas de que me falou ontem. Qual o seu nome? Onde posso encontrá-lo? Tem um número de celular ou um cartão?

O senhor continuava sorrindo. O ônibus parou. Não!

— Espere! O senhor tem que ajudar! Me diga o seu nome!

Ele passou por Ernesto, deu um tapinha em seu ombro e desceu no ponto.

Ficou tão sem ação que viu o ônibus fechar as portas e continuar seu trajeto. O velho estava parado na calçada sorrindo pra ele.

Aquele filho da puta.

# Botando os filhos pra dormir

Chegou em casa irritado. Sua esposa o recebeu com um boa noite que ele preferiu não responder. Não queria piorar o resto do dia iniciando uma discussão com Nice.

— Que foi? Tá Chateado com o quê?

— Nada, Nice!

Queria sumir dali. Tomar um banho. Ver um filme. Correr dez quilômetros. Assistir um jogo de futebol. Qualquer coisa menos começar a falar do dia e lembrar dos fracassos que aconteceram. Do chefe filho da puta. Do velho ignorando ele. Dos olhares assustados dos colegas na reunião. Todos uns escrotos que queriam fuder com sua vida. E agora tinha que dar explicação pra Nice sobre a merda do dia!

Ela ainda estava falando. Ernesto não ouvira nada do que tinha dito. Relatava o dia das crianças na escola. Aconteceu algo com o Bruno.

— Ernesto!

— Que foi, Eunice, porra!

— Você tá me ouvindo?

Deu um suspiro longo.

— Não, desculpa, amor...

Ela o olhou com ternura. Veio em sua direção e o abraçou.

Ernesto sentiu seu corpo relaxar. Podia começar a chorar ali agora. Sentia que era o melhor a fazer. Sim, chorar e deixar as lágrimas lavarem sua alma, seu dia, suas frustrações. Foi quando Nice falou.

— Você tem que ser mais atento, Ernesto.

Percebeu uma cobrança na sua voz.

— Não começa, Eunice!

Se desvencilhou do abraço e saiu da cozinha. Viu a luz acesa do quarto dos meninos e disparou pra lá. Os meninos estavam acordados.

Desligou o interruptor com um tapa.

— Já falei que dez horas é hora de dormir!

Entrou no banheiro, ouvindo o choro das crianças. Abriu o chuveiro e deixou a água quente cair.

Já não dava pra saber se a água que caía vinha do chuveiro ou de seus olhos...

# Dessa vez eu te pego

Estava sentado no segundo ônibus voltando pra casa, igual às outras vezes. Olhou pra trás e o viu.

— Desta vez você não me escapa! Pensou entre os dentes.

Levantou-se de um salto, passou por cima do cara que estava dormindo ao lado.

— Ei!, chamou o velho, que já havia dado sinal para descer.

— Ernesto! Tudo bem? Hoje ele estava falante. Peraí, como sabia o seu nome?

— O ônibus parou. O velho já descia as escadas.

— Vem, caminhe comigo., fazendo um gesto para que o acompanhasse.

Ernesto se desvencilhou das pessoas para alcançar a porta aberta.

— Vai descer!, gritou pro motô.

O veículo começou a andar, a porta de trás fazendo aquele chiado enquanto fechava.

— VAI DESCER, PORRA!

Freada de ônibus. Aquelas que uma pessoa vomita toda a comida que digeriu nas últimas horas.

Ernesto se reequilibrou segurando nas hastas, deu trancos em dois desavisados que provavelmente estavam querendo impedí-lo de ver o senhor e saiu do ônibus.

— Filho da puta!, gritou pro motorista, que provavelmente também fazia parte de uma seita cujo objetivo era proteger o velho senil.

Ele o estava esperando na calçada. Se vestia com uma calça social e camisa pólo. Usava sandálias e tinha uma pasta nas mãos.

— Oi, Ernesto.

— Como sabe meu nome? Porque não falou comigo ontem?

— Calma, caminhe comigo. Você está ofegante, precisa respirar. E começou a andar.

Surpreso com sua firmeza nas palavras, Ernesto titubeou e ficou pra trás. Apressou o passo e logo o alcançou.

Entraram numa praça. Árvores e canteiros gramados os circundavam. O sol se punha atrás de uma frondosa amendoeira. Sentiu-se estranhamente em paz.

— O que te incomoda, filho?

Lá vinha o velho com aquela história de novo. Desta vez não sairia sem explicações plausíveis. Era muito fácil pra ele ficar fazendo perguntas sem nexo. Não era ele que tinha que pagar as contas e cuidar de duas crianças. Muito menos chegar em casa tarde da noite e tentar ser gentil e amoroso com sua família. Aquela paz deu lugar a uma erupção de raiva. Sentiu seu corpo enrijecer. A pulsação acelerou.

— Quer saber o que me incomoda? Pessoas como você! E meu chefe! E minha esposa! Sempre achando que estão com razão em tudo.

O senhor colocou a mão no seu ombro e o olhou nos olhos. Seria aquilo compaixão?

— Você gostaria de ser reconhecido por essas pessoas, eu incluído, pelo seu esforço e dedicação, né?

O clima da praça, que mais parecia um bosque interminável, o acalmava. Ou talvez fosse aquela pessoa ao lado dele.

— Não sei. Sim. Acho que é isso.

— Você deseja que seu chefe acolha seu trabalho...

— Sim...

— ...e deseja que Nice reconheça que está fazendo o melhor possível para sustentar a ela e seus filhos.

— Sim...

O senhor bateu em seu ombro sorrindo.

— Isso, meu filho, é o que te incomoda.

Ernesto ficou confuso.

— Como assim? Não é a mesma coisa?

Antes que pudesse responder, um apito de trem soou forte perto dali. Ernesto não lembrava que havia uma estação de trem perto

da praça. Engraçado pensar isso porque também não lembrava daquela praça...

O apito aumentou de intensidade.

— Ernesto! O alarme...

Nice o acordou com um afago no ombro e voltou a dormir.

# Redes sociais

No caminho de ida pro trabalho, Ernesto navegava pelas redes sociais. Um texto de um amigo chamou sua atenção pela quantidade de comentários contidos nele. Ele contava uma história que havia acontecido com um dos familiares do amigo.

O texto contava que a pessoa tinha se envolvido numa discussão no trânsito. O problema é que a confusão ficou tão séria que o outro envolvido acabou fechando o carro do familiar. Não resultou em algo pior porque os transeuntes os apartaram.

Seu amigo se mostrava indignado com a truculência do agressor e observava que não havia policial ou autoridade alguma pra protegê-los. Os comentários dos amigos variavam do apoio ao amigo e família à crítica aos poderes públicos, em especial a polícia. Outros exigiam a prisão do agressor. Teve até quem chamassem o familiar de ingênuo porque hoje em dia não se devia entrar em discussão no trânsito. Esse aí deu merda. O amigo levou a mal e daí surgiram réplicas e tréplicas sem fim.

Uma coisa estranha que Ernesto reparou foi que o texto não tinha uma descrição clara sobre o que havia causado a discussão. Mesmo assim resolveu solidarizar-se. Digitou o seguinte comentário "esse energúmeno devia ser preso!", e marcou um símbolo que indicava um sentimento de indignação.

Ficou se perguntando onde tudo isso parar. Será que não haveria outro meio de resolver essas discussões sem agressões ou violência?

Ficou tão incomodado que acabou comentando o episódio no almoço. Mas o debate ficou acalorado mesmo quando começaram a falar da responsabilidade do poder público naquela confusão. Até que um comentário de um colega o surpreendeu:

— Cara, eu não entendo porra nenhuma de política pública. Mas uma coisa que aprendi na minha época de pastoral da juventude é que política se faz no dia a dia, no cuidado com as relações, no exercício de estar na pele do outro, de entender suas dores e

necessidades. Hoje tem uma porrada de nego que sabe tudo de política, tem solução pra educação, saúde, segurança e o escambau. Fico impressionado com tantos letrados!! Têm opinião até pra política externa da Mauritânia, mas é um intragável e arrogante. Fazer política é se relacionar de igual pra igual com seu semelhante. Se os dois caras que discutiram no trânsito tivessem praticado essa política que tô falando estaríamos falando de futebol, trabalho ou mulher! Me dá mais um chopp aí, Cabeça!!

Aquele desabafo do colega no almoço não saia de sua cabeça. Ficou remoendo aquilo até a volta pra casa. Ernesto olhava pela janela do ônibus quando alguém o cutucou no ombro.

— Oi, filho.

Era o velho do ônibus.

— Você?!

Estava tão distraído que não percebeu que havia sentado do lado do senhor.

— Você está tão longe..., disse ele com uma risada.

— Tenho tanta coisa pra perguntar pro senhor!

— Imagino. Ontem você parecia bem frustrado por não ter conseguido falar comigo. Eu lhe devo um pedido de desculpas. Era o meu dia de silêncio.

— Dia de quê?

— Olha, tenho que descer. Porque não vai amanhã ao centro onde participo?

Ernesto pegou o endereço e combinou de chegar lá pela manhã. Deu uma risada abafada. Que velho maluco, dia do silêncio!

# A primeira lição

Ernesto chegou cedo no local marcado. O velho dava aula de yoga numa sala. Assim que o viu, acenou e fez sinal que esperasse.

Logo a aula tinha terminado e Ernesto pôde se dedicar ao que veio fazer: perguntas. Ernesto abriu o bloquinho de notas.

— O que significava essa história de incômodo e necessidades? Qual a relação entre elas? Porque quando expliquei o que me incomodava você continuou repetindo a pergunta, como se não estivesse satisfeito? Será que existe uma alternativa para as constantes brigas, discussões e agressões que travamos diariamente? O que é o dia do silêncio? Porque sonhei com você? Porque acho que o que você tem a falar é importante? A propósito, qual o seu nome?

— Uau, quantas perguntas! — disse o senhor.

— Desculpe, não tenho tempo a perder. — Ernesto disparou a metralhadora porque gostava de ser direto. Melhor assim. Ainda mais com aquele senhor que parecia mais ensaboadão que seu filho mais novo cheio de espuma quando brincavam ao tomar banho.

— Ué, não sabia que o tempo pudesse ser perdido. E me diga, você alguma vez já o achou de volta?

— Olha, senhor...

— Rosa, meu nome é Rosa.

— Escuta, sr. Rosa, o que quis dizer é que preciso voltar pra casa na hora do almoço, minha esposa e filhos estão esperando. Desculpe se pareci grosso. Esse é o meu jeito. Sou assim mesmo. — Ernesto falou.

— Entendi. "Pau que nasce torto morre torto, né?"

— Isso mesmo.

— Então porque me fez aquelas perguntas?

Ernesto fez cara de quem não entendeu.

— Você veio em busca de respostas, não é isso?

— Sim.

— E acha que essas respostas podem fazê-lo aprender algo, é isso?

— É. — Ernesto não entendia onde ele queria chegar.

— Então Ernesto, presta atenção. Porque se a gente vai estabelecer algum tipo de relação mestre aprendiz, professor aluno etc., essa coisa de pau que nasce torto morre torto é a primeira coisa que você precisa esquecer. Pau que nasce torto nasce também com o potencial de ser o que quiser. Porta, mesa, balanço, lenha, viga, janela, etc. Se você não acreditar nisso não há sentido em responder suas perguntas.

— Entendi.

— Mesmo? E como isso se aplica ao seu caso?

Ernesto não sabia responder.

— Pense nisso. Medite aqui nesta sala. Enquanto isso vou resolver um problema no encanamento. — disse sr. Rosa.

Ernesto viu o velho se dirigir ao banheiro.

Entrou numa sala ampla, aconchegante, de piso frio. Uma música suave tocava em algum lugar. A sala tinha cheiro de incenso. Algumas almofadas estavam dispostas nos cantos. Pegou uma delas e sentou. O clima daquele lugar transmitia paz e acolhimento. Três pessoas estavam sentadas em posição de Buda, impassíveis, olhos fechados. Surgiu uma vontade louca de dar um grito. Abafou a risada e o grito. Se concentrou em sua tarefa.

O que Rosa quis dizer com potencial de ser o que quiser? Antes Ernesto tinha dito que era grosso e não tinha jeito. Será que poderia deixar de ser grosso e agressivo?

Desde que se entendia por adulto tinha lembrança de seus impropérios, sua fama de responder no mesmo tom, não levar desafogo pra casa. Ele era assim. Uma de suas características mais marcantes.

Logo em seguida imaginou como seria se fosse diferente. Se relacionando com seus filhos, Nice e amigos de um jeito mais leve, cheio de ternura e compaixão. As imagens, os abraços e risadas que viu foram tão reais que uma energia percorreu seu corpo. Seria possível realizar essa mudança nessa vida?

Abriu os olhos e viu Rosa olhando da porta. Levantou-se e foi até ele.

Andaram até uma área aberta, cheia de plantas.

— E então? Que conclusões chegou? — perguntou o velho.

— Posso deixar de ser grosso e agressivo? Assim como um pedaço de pau pode ser flexível o bastante para servir pra várias coisas?

— Não encare a si mesmo como uma escultura, que precisou de esforço e tempo para ser lapidada e depois que foi finalizada fica exposta em um pedestal num museu. O mais importante, Ernesto, nessa história de "ser o que quiser", é o potencial. Estamos mergulhados em um universo de possibilidades. Imagine um rio e seu constante fluxo de água. Dizem que você não pode entrar duas vezes no mesmo rio, porque na segunda vez ele já está diferente. Um rio é cheio de possibilidades. E quando tomamos consciência de que somos mais como um rio do que uma escultura, colocamos nossa atenção em um instrumento fundamental.

A cabeça de Ernesto fervilhava. Descartou as ferramentas usadas para esculpir coisas e focou nos barcos. Pensou em remos, bóias, velas, leme e...

— Bússola! É a bússola, não é?

Sr. Rosa deu uma risada.

— Isso, Ernesto, gostei do raciocínio. Vamos explorar essa idéia mais tarde. Por enquanto tinha pensado em algo mais sutil.

— No quê? — Ernesto achava que a bússola tinha tudo a ver.

— Quando percebemos que temos várias possibilidades, precisamos dar atenção a nossas escolhas.

— E pra escolher precisamos de uma bússola, não é?

— Sim, sim. E consultar a bússola faz parte do ato de escolher.

— Verdade.

Ernesto olhou para o relógio.

— Agora você já tem material para o dever de casa. Todo ato de comunicação possui embutido nele uma série de escolhas. A cada diálogo você pode escolher o que vai falar, que direção quer dar à conversa, que tom de voz irá usar. Quero que você pratique isso

nessa semana: a cada conversa e a cada diálogo quero que você tome consciência de que escolhas está fazendo.

— Mas peraí, nem sempre tenho opção! — Ernesto protestou.

— Não mesmo? Semana que vem neste mesmo horário você me conta sua experiência.

O sr. Rosa entrou numa sala para dar mais uma aula e Ernesto ficou sozinho com seu dever de casa.

# Engarrafamento

Voltava pra casa de carro. Trânsito de sábado infernal. Na terceira fechada já tinha mandado geral para aquele lugar.

Ia dirigindo e pensando em como a ideia do velho era descabida. A cada diálogo escolher as palavras. Tudo bem, algumas vezes, talvez em sua maioria, isso fosse possível. Mas tinha alguns momentos que não dava para tirar o pé do acelerador. Tem nego que fala o que quer, tem que ouvir o que não quer. Além do mais, um diálogo como esses seria chato pra caramba.

— Um momento, Fulano, estou pensando se devo questionar seu argumento usando a ideia A ou simplesmente enfiar um murro na sua fuça.

— Oh, é claro, Beltrano, leve o tempo que quiser. Mas saiba que você vai apanhar tanto que vai chorar igual um neném.

— Obrigado, Beltrano. O que decido: continuo esse magnífico papo entre cavalheiros ou deixo você sentado depois de uma banda? Então pego essa cadeira e sento ela na sua cara? Talvez discutir o sexo dos anjos! Não consigo decidir!! Não consigo decidir!!! Vou ter um aneurisma!! - lembrou da música do Tenacious D (\*) e sorriu.

— Velho maluco! — gritou Ernesto pensando no disparate do sr. Rosa.

O motorista do carro ao lado concordou:

— Ele me fechou do nada, você viu?

Ernesto gargalhou.

Depois de meia hora de engarrafamento, embicou na garagem do prédio. Chegou no apartamento com o almoço já servido. Um prato era sua única recepção de boas vindas. Comeu a comida morna. Logo sentiu a mão de Nice em seu ombro.

— Desculpe, amor, não devia ter ido lá. Foi uma total perda de tempo.

— Porquê? Ele não respondeu suas dúvidas?

Ernesto contou a conversa com o senhor Rosa e a ideia de que podemos escolher como conduzir nossos diálogos.

— Talvez ele tenha razão...

— Ah, Nice, você também com essas maluquices?

— Tá vendo? Agora mesmo você podia ter escolhido dizer outra coisa.

— O que, por exemplo?

Nice pensou um pouco.

— Sei lá, você podia ter ficado curioso e dizer: porque você acha que ele pode ter razão?

— Mas não é tão fácil assim!

— Ele falou que seria fácil?

Ernesto abaixou a cabeça.

— Não...

Nice se aproximou.

— Acho que vai ser perda de tempo... — falou, já cedendo ao olhar da esposa.

— Faz um esforço, amor...

Se beijaram. E depois outra vez.

— As crianças estão vendo desenho? — Ernesto esticou o olho para o corredor.

Nice o puxou pro quarto deles.

Agora não tinha jeito. Ernesto sempre cumpria as promessas que eram seladas assim...

# Tropa de Elite

Logo Ernesto teria oportunidade de praticar o que aprendeu.

Estavam se arrumando para a festinha de aniversário de um colega de Guilherme. Nice estava impaciente porque Bruno teimava em ficar jogando game em vez de tomar banho. Nada o fazia mover um centímetro. Foi quando Nice desistiu e pediu apoio ao grupo de operações especiais. Isto é, Ernesto.

Ele bateu continência e foi cumprir sua missão. Faria uma intervenção cirúrgica no centro do combate. Era entrar e sair. Sem baixas. Planejava usar sua estratégia vencedora: barulho e medo. Sentiu uma ponta de vergonha em planejar aquilo tudo mas diluiu o sentimento se convencendo de que em situações extremas precisava aplicar medidas extremas.

Já estava no meio do corredor pisando duro quando lembrou-se do velho e de sua lenga-lenga sobre optar pelo que falar e das várias possibilidades que podemos usar (e escolher) para conduzir um diálogo. Mas isso era aplicável nessa situação? Este caso não era bem um diálogo. Certo?

Parou um pouco. Os soldados atenderam o sinal de "parar" do comandante com a mão espalmada e o braço levantado. O esquadrão de elite aguardava em profundo silêncio e atenção às novas ordens do capitão. Por sua vez este pensava.

Na verdade, não seria um diálogo se ele entrasse gritando feito um maluco na sala. Desta maneira seria um monólogo. Ou um diálogo em que o outro lado não tinha nem chance de responder e o lado gritante muito menos queria ouvir. Sentiu o suor pingando do rosto. Era o manto da culpa que estava vestindo.

Respirou fundo. Resolveu praticar e escolher outra estratégia, alguma coisa mais parecida com um negociador do que um soldado do Bope. Um, mississipi, dois, mississipi. Vamos lá!

Chegou na porta da sala. Viu que Bruno estava jogando um game conhecido. Ele e o pai já tinham jogado algumas fases juntos

antes.

— Buck já conseguiu recuperar o cálice? — ainda bem que se lembrava do nome do herói.

— Não é Buck, pai, é Bud.

Bruno nem olhou pra ele. Manipulava aquele controle com se fosse uma extensão do próprio corpo.

— Já, agora está tentando sair das ruínas. — o filho resolveu responder a pergunta do pai.

— E qual a dificuldade? Porque está demorando tanto?

— Está tudo caindo aos pedaços e nessa parte preciso sincronizar os passos com os tiros e pulos. Tá vendo? — mostrou ao pai uma cena cheia de explosões.

— Meu filho, dá uma pausa e vai tomar banho. Temos o aniversário do Beto, seus amigos também vão estar...

— Peraí, pai, deixa só terminar essa sequência.

— Dá uma pausa, Brunô...

— Não tem botão pra pausar, paiê...

Sentiu Nice cutucá-lo impaciente atrás de si. Seu tempo estava acabando. A negociação estava sendo um fracasso. A tropa de elite já estava a postos para invadir o local. Talvez alguns reféns tivessem que ser sacrificados. O negociador tentou mais uma vez:

— Depois você joga de novo...

— PERAÍ!

Ernesto entendeu o recado: as negociações tinham sido encerradas. Um refém jazia no chão. O negociador deu sinal para a tropa de elite entrar. A versão equivalente a quebrar as janelas e jogar gás lacrimogêneo de Ernesto foi puxar o controle das mãos do filho e desligar a TV.

— Pai! Eu estava quase conseguindo!

— Vai tomar seu banho, Bruno. AGORA!!!

Bruno saiu correndo e chorando.

Nice o encarava da soleira da porta.

— Tá vendo, Nice, nem sempre dá pra escolher!

# Nice dialoga com a irmã

Apesar do fracasso do diálogo com Bruno, Ernesto animou-se com a experiência. Sentiu-se mais leve e criativo. Se pelo menos não tivesse terminado daquele jeito. Resolveu tentar em outras situações.

Praticou durante a semana sempre que podia e lembrava. Nice também estava curiosa com os resultados das experiências. Ela mesma também estava praticando no seu cotidiano, com seus filhos, os pais dos colegas de seus filhos, sua mãe e irmãs. Os dois contavam tudo que acontecia um pro outro. As noites após as crianças dormirem se tornaram o momento ideal para cada um compartilhar seu dia e suas tentativas de praticar a lição do senhor Rosa.

Chegaram a conclusão que o mais difícil não era começar um diálogo escolhendo um caminho educado e civilizado. O mais difícil era quando alguém falava algo atravessado e a reação mais comum seria responder na mesma moeda. Mesmo nestas horas tinham percebido que havia possibilidade de fazer escolhas que levasssem a uma conversa mais pacífica. Tinham não, Eunice tinha. Ernesto ainda estava cético.

Talvez porque essa descoberta foi feita por Nice quando teve uma conversa difícil com a irmã. Regina, sua irmã mais nova, estava desempregada e corria atrás de uma entrevista que desse a ela a chance de mostrar seu currículo e quem sabe uma oferta de emprego. Ela também era solteira e por isso vivia se lamentando por não ter encontrado alguém. Sempre em algum momento do papo Regina indiretamente julgava Eunice de ter uma vida fácil porque não precisava trabalhar já que o marido a sustentava. Nice perdia a paciência e desfiava o rosário de coisas de que abriu mão para ficar em casa e ser sustentada pelo marido: uma carreira promissora, independência financeira, tempo para se cuidar, ir ao shopping sem precisar olhar no relógio a cada minuto etc. e etc. Regina acabava

mudando de assunto e as duas se despediam secamente.

Não desta vez. Nice recebeu o telefonema quando as crianças estavam no colégio e Ernesto no escritório.

— Oi, mana.

— Oi, Rê, tudo bem?

— Mais ou menos, sabe aquela entrevista que estava agendada?

Adiaram pra semana que vem. Tô achando que não vão me chamar.

— Ué, ela foi adiada ou cancelada?

— Adiada.

— Então você ainda tem chanc...

— Ni, você não tá acostumada com essas coisas. Se você procurasse emprego você ia saber.

Primeiro round. Regina queria partir pro nocaute cedo desta vez. Eunice percebeu a oportunidade de escolher as palavras.

— Você quer muito esse emprego né.

— Não é esse emprego, é qualquer um! Qualquer coisa pra mamãe parar de encher o saco...

— É muita cobrança né...

— Muita! Eu não tenho desculpa de ficar cuidando de crianças como você tem.

Esse foi um soco direto no queixo. Se estivesse num ringue Nice teria cambaleado. A melhor coisa seria revidar, afinal a melhor defesa era o ataque, certo? Nice notou que Regina estava especialmente amarga naquele dia.

— Rê, tá acontecendo alguma coisa?

Seguiu-se um silêncio. A ligação tinha caído?

— Alô? Rê? Cê tá aí?

Um fungo denunciou o choro preso.

— O que foi, Rê?

— Desculpa, Ni, não queria ter dito aquilo sobre você. É que tive um dia difícil. Além do adiamento da entrevista, briguei feio com mamãe.

— Tudo bem, Rê, fica calma. Eu sei que não falou por mal. Você está pressionada pra conseguir um emprego, fica todo mundo perguntando sobre isso, dando sugestões do que fazer, curso disso,

curso daquilo, preparar o currículo de um jeito ou de outro. As pessoas não percebem que você está se esforçando, (e muito!), pra conquistar esse objetivo. A cada idéia é como se dissessem que você não está fazendo nada...

- Exatamente!
- Eu mesma peço desculpas por ficar te enchendo o saco com esse assunto.
- Poxa, Nice, obrigada. Era isso que precisava ouvir, obrigada mesmo. Você é uma irmã muito especial...
- Nada, Rê. Quando quiser conversar é só ligar. Olha, tenho que desligar, ainda vou preparar o jantar dos meninos.
- Tá bom, mana, dá beijos nos meus bonequinhos, tá? Beijo, Ni.
- Beijos, Rê.

Eunice desligou o telefone mas não deu um passo. Ficou ali na mesa da sala parada com um sorriso nos lábios. Não sabia descrever o que estava sentindo. Paz? Serenidade? O que sabia era que ela e Regina ficaram mais próximas depois daquele telefonema.

Não conseguiu pensar muito no assunto porque vou que estava atrasada em suas tarefas. Tinha que preparar o jantar a tempo de buscar os filhos no colégio. Estava se sentindo mais leve quando correu.

# **Um pedido para os filhos**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **De volta ao centro**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# A segunda lição

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Climão no jantar**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Pensamentos no ônibus**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Nosso maior crítico**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Fechando o coração**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Curiosidade é vida!**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Nice e Rosa**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Andando pelo labirinto de pedras**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Herói Ernesto**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Desatando a rir**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Puto**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# O diário de emoções

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# Medo

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Beco interminável**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# O casebre abandonado

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Lição no hospital, parte 1**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Lição no hospital, parte 2**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Grosseria**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Ernesto das Necessidades**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Exigências escondidas em pedidos**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Manual sobre ser pai**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Afastando medos e ansiedades**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Volta ao trabalho**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Um Rosa diferente**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# O guarda-chuva

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Voltando pro beco**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Pílulas pra dormir**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.

# **Revivendo o sonho...**

This content is not available in the sample book. The book can be purchased on Leanpub at <http://leanpub.com/ernestodapaz>.